OLHANDO DE PERTO A MENINA BONITA

Márcia Tavares

Resumo
Ana Maria Machado aborda a diferença entre etnias de forma bem humorada no seu livro *Menina bonita do laço de fita*. Em duas edições diferentes, as ilustrações do livro constroem um jogo significativo com o texto. O uso das representações gráficas para cada episódio revelará a concepção de cada ilustrador.

Palavras chave: Literatura Infantil – Personagens negros – Ana Maria Machado – Ilustração .

Os personagens negros estão presentes em nossa literatura infantil como centrais ou secundários e incorporaram uma tendência comum que se associava à representação do negro na literatura para adultos. Como em outros âmbitos da literatura infantil brasileira, o nome de Monteiro Lobato se destaca como ponto de partida. Um dos exemplos da presença desses personagens se encontra na literatura deste autor, que, de certa forma, alude aos conceitos de uma determinada época e nos fornece um panorama inicial dessa representação.

Em suas narrativas das aventuras no Sítio do Pica-pau Amarelo, Lobato introduz em cena alguns personagens negros, que se dividem entre os representantes do folclore brasileiro e os personagens humanos que habitam no sítio. O saci, destaque do primeiro grupo, é o menino negro, de uma perna só, de carapinha preta e chapéu vermelho na cabeça. Ele simboliza a molecagem e se caracterizou, principalmente, pelas diabruras de vingança contra os que não acreditam na sua existência, e que maltratam a natureza; é o responsável pelas coisas perdidas e quebradas, e vez ou outra acompanha Pedrinho em suas peripécias. No livro *O saci*

(1922), que traz o encontro entre o saci e o neto de Dona Benta, temos outro personagem do nosso folclore: o negrinho do pastorejo. É o próprio personagem-título que, em resposta às dúvidas de Pedrinho, esclarece: "– (...) Esse negrinho foi apenas um mártir. Sofreu os maiores horrores dum senhor de escravos muito cruel; morreu e virou santinho." (p. 29); e, continua contando a história do menino escravo. Os dois personagens se opõem pelos contextos, enquanto um encarna a "diabrura" e a rebeldia, o outro "corresponde ao desejo de justiça e proteção dos negros escravos, salvos apenas por sua imensa fé no sobrenatural" [1].

Entre os habitantes do sítio, encontramos Tio Barnabé, "um negro de mais de oitenta anos que morava no rancho coberto de sapé lá junto da ponte." (p. 14). No entanto, a aparição do negro velho é rápida e se restringe ao diálogo com Pedrinho a propósito do personagem folclórico. Mas o principal personagem negro de Monteiro Lobato é mesmo Tia Nastácia, ela é caracterizada como a "negra beiçuda" e, depois, como a "preta de alma branca". O seu espaço é o da cozinha, embora assuma outras "tarefas", como contar histórias. A referência histórica é verossímil, pois eram atribuídas aos ex-escravos, amas-de-leite, ou, como Nastácia, cozinheiras, as tarefas de contar histórias e cantar para as crianças da casa grande.

A caracterização de Nastácia sofreu alterações ao longo das publicações nas quais sua presença era constante. De início, em um dos episódios de *Reinações de Narizinho* (1921), as crianças apresentam a negra como uma princesa encantada, que foi condenada e por isso teria aquela cor. Por vezes, Nastácia é insultada por Emília e, mesmo no livro *Histórias de Tia Nastácia*, a cozinheira de quitutes do sítio não assume o papel de narradora, apenas são transcritos os contos populares e, ao fim, temos a explicação de Dona Benta sobre o sentido das histórias. Depois, já em *Memórias de Emília,* a boneca explica que Nastácia é a "ignorância em pessoa" e não compreende porque "Deus fez uma criatura tão boa e prestimosa nascer preta como carvão", o que leva Emília à conclusão de que "a tal cor preta é uma coisa que só desmerece as pessoas aqui neste mundo." (p. 59) Ao fim desse breve percurso, percebemos que há uma tentativa de justificar a

[1] KHÉDE, Sonia S. *Personagens da literatura infanto-juvenil.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1990, p. 37.

presença de Nastácia entre os moradores do sítio [2]. Segundo Sônia Salomão Khéde,

> Nastácia é o símbolo do desejo de incorporação pacífica do negro na sociedade branca; (...) representa o lado ingênuo e crédulo do povo. Os demais habitantes do sítio pensam que Nastácia fala "errado", e que apresentam idéias simplistas em relação aos problemas que a cercam.[3]

É dentro dessa perspectiva, concentrada na representação do negro como personagem folclórico, que Sônia Salomão Khéde, acrescenta, ainda, Chico Rei e Zumbi dos Palmares, ambos símbolos da resistência negra à escravidão. Este último "está presente nos livros *Do outro lado tem segredo*, de Ana Maria Machado, e *O menino de Palmares*, de Isa Silveira Leal" [4].

Esses personagens são exemplos de um período em que havia o aproveitamento da tradição popular nas narrativas infantis de forma mais direta, com uma fidelidade que apenas recontava a história recolhida da cultura oral. E, ao mesmo tempo, uma sugestão de que havia uma tentativa de justificar a presença dos personagens negros dentro da história. Com as várias modificações sofridas, ao longo de movimentos sociais internos e de uma maior divulgação da participação da cultura negra na sociedade brasileira, os autores foram aos poucos abandonando essa representação, ora pautada na origem escrava – concentrada na visão subalterna ou destacando os heróis da resistência negra – ora folclórica – focalizada no sincretismo religioso –, e atribuindo outras caracterizações para os personagens negros.

Dentro do universo da literatura infantil contemporânea vale destacar dois exemplos que já se tornaram clássicos. O primeiro é *O menino marrom* (1986), de Ziraldo. À moda de seu personagem mais famoso, o menino Maluquinho, o autor, ilustrador e cartunista Ziraldo expõe o cotidiano do menino marrom

[2] Agradeço a Sandrelle Costa, pesquisadora da obra de Monteiro Lobato, que gentilmente cedeu as informações, idéias e notas pessoais sobre a personagem Tia Nastácia e sobre a obra deste autor.

[3] KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1990, p.88.

[4] Idem, ibidem, p.36.

e de forma cândida nos apresenta as dúvidas e a amizade deste com o menino cor-de-rosa. Por toda a narrativa Ziraldo discute a formação das cores, usa o Disco de Newton para explicar a combinação de cor e luz, e, assim, insere a discussão das diferenças entre as etnias. Na escola os dois meninos tomam conhecimento das diferenças entre as cores, tentam descobrir o que era o branco e o que era o preto e se isto fazia os dois diferentes. No entanto, essa questão se perde no meio das brincadeiras. Depois de crescerem e se separarem, mas continuarem a amizade, os meninos descobrem o que queriam. O menino marrom, já adulto, escreve para seu amigo:

> Ele estava no seu quarto, estudando, e ficou olhando uma folha de papel branquinha sobre a mesa, onde ele ia escrever uma carta. De repente, a luz do quarto apagou. E a folha branca sumiu. Ele botava a folha de papel perto dos olhos e via tudo preto. Mas ele sabia que a folha de papel estava ali e continuava branca.
>
> Então, ele deu um sorriso lindo, todo branco que – no escuro – ninguém viu. Ele havia descoberto que o preto *não* era o contrário do branco! A luz acendeu de novo. E a folha branca apareceu diante de seus olhos. Ele pegou a caneta e começou a carta que ia escrever:
>
> *Meu querido amigo:*
>
> *Eu andava muito triste ultimamente, pois estava sentindo muito a sua falta. Agora estou mais contente porque acabo de descobrir uma coisa importante: preto é, apenas, a ausência do branco. (p.30)*[5]

As diferenças, antes incompreensíveis para os dois amigos, se traduzem de maneira simples e relacionada às experiências de cada um. A idéia de igualdade permeia toda a narrativa de Ziraldo e se confunde com os personagens, que não são nomeados, são apenas o menino marrom e o menino cor-de-rosa.

O segundo destaque é *Outra vez* (1989) de Ângela Lago. Neste caso, a autora se isenta das palavras e traduz em imagens a pequena aventura de sua personagem menina. Na estória, uma

[5] ZIRALDO, *O menino marrom*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

menina de vestido vermelho leva para um menino vestido de rei um vaso de flores; ele, por sua vez, dá o vaso a sua vizinha que faz doces. Só ao fim da narrativa tomamos conhecimento de que a aventura da menina se trata de um sonho. É pela via da ilustração que se apresentam significativas representações desses personagens. Luís Camargo, a partir da diversidade de funções das ilustrações presente no livro de Ângela Lago, comenta:

> A menina de vestido vermelho é negra e usa trancinhas nos cabelos – ela valoriza sua etnia e sua cultura. Ela não está num castelo distante, esperando príncipe, nem está na cozinha tentando conquistar marido pelo estômago. Ela toma a iniciativa de mostrar seu amor-perfeito. Essa iniciativa corresponde a uma nova mentalidade com relação à criança, ao negro e à mulher na sociedade.[6]

Essa nova mentalidade, à qual se refere Luís Camargo, é um dos destaques da representação do negro em Ana Maria Machado, escritora consagrada pelo público mirim e por uma crítica sempre atualizada de sua produção. Em meio aos muitos temas sociais que a autora representa em sua obra, um dos seus livros aborda, de forma muito suave e bem humorada, as diferenças entre etnias.

Em *Menina bonita do laço de fita*, um coelho branco se rende aos encantos de uma menina negra e quer descobrir, de qualquer modo, por que ela é assim. O desejo do coelho é ter uma "filha pretinha e linda que nem ela" (p. 6). Mas a menina não sabe e desanda a inventar respostas para o curioso coelho. Por fim, sua mãe a interrompe, quando ela já ia inventar outra resposta, e revela para o coelho que a cor da menina foi herdada de seus avós. O coelho então percebe que herdamos características de nossos parentes. Então, desiste de mudar e procura uma coelha negra para que seus filhotes possam ter aquela cor que tanto o encanta. Sai a procura e encontra uma coelhinha "escura como a noite". Dessa união nasce uma ninhada de filhotes, cada um de uma cor diferente.

[6] CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995, p. 76.

Em duas edições desse livro, uma publicada pela editora Melhoramentos – quarta edição de 1986 –, e outra pela editora Ática – em sétima edição de 2000 – as ilustrações constróem um jogo significativo com o texto. A edição da Melhoramentos traz desenhos, assim designados, de Walter Ono, a ilustração da Ática é assinada por Claudius. Comentaremos as relações de sentido estabelecidas entre as ilustrações e o texto da narrativa de Ana Maria Machado nessas duas edições. O nosso interesse é pela construção de significados a partir das ilustrações e como esses significados sofreram modificações de uma edição para outra. Tomaremos a ilustração como elemento constitutivo do livro infantil e seu modificador. Esse papel da ilustração é destacado por vários críticos da produção de Literatura Infantil. Destacamos a observação de Lajolo e Zilberman, que afirmam:

> Os livros infantis brasileiros contemporâneos vão manifestar ainda outro traço de modernidade: a ênfase em aspectos gráficos, não mais vistos como subsidiários do texto, e sim como elemento autônomo, praticamente autosuficiente.[7]

As edições que comentaremos trazem esse traço de modernidade e ainda sugerem, através dos aspectos gráficos, ao lado das ilustrações propriamente ditas, um diálogo que se personaliza a cada edição e renova a leitura da narrativa.

O primeiro parágrafo da história traz uma descrição da menina, que não é nomeada, assim como o coelho e a mãe da menina também não são, sugerindo uma universalização, comum aos textos de histórias infantis. A narrativa traz, ainda, o início comum aos contos de fadas, em uma menção ao diálogo com esta forma narrativa:

> Era uma vez uma menina linda, linda.
> Os olhos dela pareciam duas azeitonas
> pretas, daquelas bem brilhantes.
> Os cabelos eram enroladinhos e bem
> negros, feito fiapos da noite. A pele era

[7] LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991, p.127-8.

> escura e lustrosa,que nem o pêlo da
> pantera negra quando pula na chuva.
>
> Ainda por cima, a mãe dela gostava de fazer
> trancinhas no cabelo dela e enfeitar com
> laço de fita colorida. Ela ficava parecendo
> uma princesa das Terras da África, ou
> uma fada do Reino do Luar.[8] (p. 4 e 5)

A narrativa de Ana Maria Machado não sofre nenhuma modificação significativa no texto, apenas no momento em que o coelho faz sua primeira tentativa de mudar de cor. As duas edições trazem modificações significativas para a análise das ilustrações. Assim, temos, respectivamente a da Melhoramentos e da Ática:

> O coelho saiu dali, procurou um **vidro** de tinta preta e tomou banho **nele**.
> O coelho saiu dali, procurou uma **lata** de tinta preta e tomou banho **nela**.

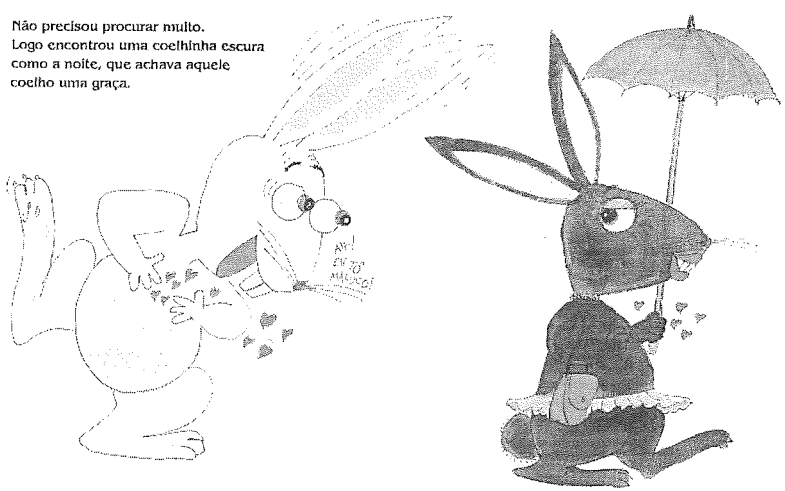
Essa modificação está centrada nas diferentes perspectivas dos ilustradores para o mesmo texto. Na edição da editora Melhoramentos, temos um espaço, aparentemente ruralizado, ou melhor dizendo, sem índices de cidade. A ilustração de Walter Ono nos apresenta uma menina com duas tranças e de vestido simples, ora vermelho, ora azul, com tênis nos pés e depois de pés descalços, e ainda sentada na grama comendo jabuticaba. Por vezes, brincando com o coelho ou mesmo conversando.

A edição da Ática é feita com base no cotidiano urbano de uma menina cheia de tarefas, sem definição de espaço, mas com a sugestão de um ambiente fechado, presente nas atividades da menina. Em nenhum momento ela aparece, como na outra edição, sem nenhuma atividade que sugira uma ocupação regular aparente. Em uma página ela está praticando exercícios de balé, em outra está lendo deitada numa rede, a seguinte traz a menina desenhando e na outra ela está fazendo um pássaro de origami.

[8] MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

Esse contexto urbano *versus* rural, espaço fechado *versus* espaço aberto nos incita a percorrer outras diferenças mais sutis.

A ilustração de Claudius se caracteriza pelo uso de cores fortes e sem gradação dos tons, há ainda pouco uso de contraste de luz e sombra, há a presença do traço ágil dos desenhos de Cartum e de quadrinhos. O fundo das cenas não passa por nenhuma alteração, permanecendo branco por todo o livro. Além disso, esse ilustrador insere elementos dessas modalidades como: a fala do personagem escrita perto dele, e o uso do bordão "Ah! EU TÔ MALUCO", (Figura 1), retirado de gíria das ruas e incluindo no momento em que o coelho encontra a sua amada. Ainda há a delimitação dos quadrinhos quando da tentativa de ficar preto e recorrer a ingestão de muita jabuticaba.

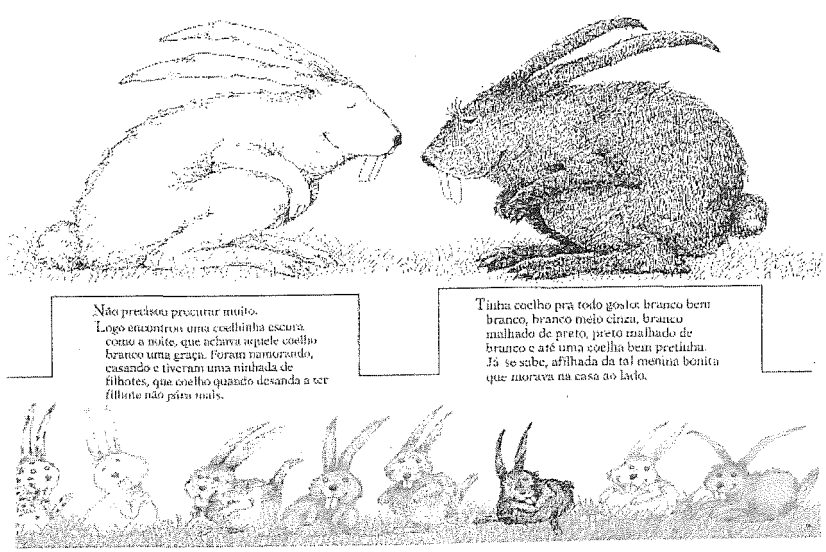


(figura 1)

Nestes dados, fica patente a linguagem dos quadrinhos e o registro da referência direta ao cotidiano urbanizado. Quando o coelho toma conhecimento da origem da cor da menina as ilustrações também são significativas. Na edição da Ática, o cartunista Claudius reproduziu os antepassados da menina e da mãe em vários retratos emoldurados, destaca-se nesse contexto o distanciamento e a representação da família e da herança figurada

na parede. Na edição da Melhoramentos os desenhos sugerem outra linguagem, talvez mais concentrada na alusão e menos na referência direta. A solução gráfica de Walter Ono é reproduzir a imagem do coelho, acompanhada de duas outras imagens ao lado dele, de perfil e com detalhes como bigode e óculos. Essa representação está relacionada à passagem do tempo e às características que cada um traz de seu parentes, como se a resposta já estivesse nele desde sempre.

Os desenhos de Walter Ono se caracterizam pelo estilo baseado em traços naturalistas e pelo uso do lápis de cor, em tons mais suaves e de contraste de luz e sombra na sugestão de volume. Há uma linha que divide, em todas as páginas, o texto e as ilustrações. Na parte superior da página os desenhos são em preto e branco, e se concentram nos momentos em que o coelho tenta ficar preto e não consegue; embaixo, coloridos, estão os encontros com a menina e as conseqüências das tentativas de mudança. Quando o coelho encontra a coelha preta, a linha que divide as páginas em duas metades desiguais, transfere-se para o meio da página. (Figura 2)



(Figura 2)

Essas características sugerem uma divisão que existia através de uma linha tênue e que foi ultrapassada, e assim iguala os dois lados. Não só no sentido de que as cores se aproximaram, mas também no que se refere à resposta definitiva que o coelho procurava, uma vez que as mudanças pretendidas por ele estavam sempre na superfície, concentradas na aparência, gerando confusão e desigualdade, quando ele compreende essa diferença, deixa de tentar mudar por fora e muda sua perspectiva, mudando por dentro.

Nas duas edições, alguns detalhes importantes permanecem, como, por exemplo, as expressões faciais do coelho, o que nos remete a uma figura de pensamento comum nos textos infantis. É a personificação que faz do coelho, tanto no texto verbal, quanto nas ilustrações, um personagem animal com características humanas. Esse personagem nos lembra o coelho apressado de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol. Neste, no entanto, é o estereótipo de princesa loira de olhos azuis que se perpetua na menina, Alice, que se aventura ao seguir o coelho. Por outro lado, as situações inusitadas e fantasiosas estão presentes nas duas estórias. O coelho, em Ana Maria Machado, deseja ter uma filha pretinha como a menina, em meio às suas tentativas é que ocorre a presença dessas situações que promovem o humor da estória, através da ingenuidade das respostas da menina e dos comportamentos do coelho.

Em suas tentativas de mudar de cor o coelho mergulha na tinta preta, toma café, come jabuticaba e quase come feijoada, o que não acontece porque a mãe da menina interrompe a estória. Nestas tentativas estão elementos – excetuando a tinta –, que remetem à cultura do nosso país, seja em termos de produtos de uma cultura agrícola e frutífera, seja com referência a um prato da culinária nacional que possui suas raízes nas tradições negras do Brasil. Todos esses elementos constituem uma representação das diferenças culturais e étnicas, e, ao mesmo tempo, da convivência dentro dessas diferenças. Percebemos que nas duas edições os elementos da cultura negra estão em destaque, ladeados por uma leveza que se relaciona à curiosidade do coelho e à singeleza das respostas da menina.

As duas propostas são pertinentes à narrativa de Ana Maria Machado. Tanto Walter Ono, quanto Claudius dão significado às aventuras do coelho e se preocupam em destacar as situações de

humor vividas pelo personagem. Há ainda o destaque para a representação do personagem negro, que exprime a diferença como fator motivador de descobertas interiores e exteriores. Percebemos que, desde o início, as diferentes perspectivas de cada ilustrador serão determinantes para a escolha do leitor. Se em uma edição temos o espaço e a estética dos quadrinhos em destaque, em outra teremos o ambiente naturalista e a sutileza dos traços. Uma proposta não invalida a outra e temos duas ótimas edições, que possibilitam várias abordagens, de acordo com o objetivo do professor e o interesse dos alunos-leitores. Cabe ao educador, de acordo com suas experiências, escolher uma ou outra. Fica como sugestão a atenção aos detalhes de cada edição apresentada e a escolha de acordo com a vivência de cada grupo de alunos.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil.* Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

LAGO, Ângela. *Outra vez.*

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias.* 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LOBATO, Machado. *Histórias de Tia Nastácia*. 25. ed. (Ilust. Manoel V. Filho) São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Memórias de Emília*. 31. ed. (Ilust. Manoel V. Filho) São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *O Saci*. 46. ed. (Ilust. Manoel Victor Filho) São Paulo: Brasiliense, 1986.

MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

_____. *Menina bonita do laço de fita*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

ZIRALDO, *O menino marrom*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.